

IX Diálogos em Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização

A RELAÇÃO TRABALHO/EDUCAÇÃO EM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Daiane Ferreira Ferreira*

Resumo

Este trabalho trata de atividades desenvolvidas em uma turma de Educação de Jovens e Adultos - EJA em um espaço informal em uma comunidade rural do município de Rio Grande. Uma turma de EJA constituída na sua multiplicidade onde os educandos são agricultores, pescadores, empregados, enfim, possuem uma relação direta com o mundo do trabalho. As atividades são desenvolvidas nas aulas de ciências com a intenção de sensibilizar, instigar o senso crítico e fazer com que os educandos participem efetivamente da construção da sociedade. Partindo de uma metodologia baseada na educação popular e alicerçada nos estudos sobre as obras de Paulo Freire, a principal intenção é constituir uma relação de respeito baseada na amorosidade, e na verdadeira função social da educação.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação Popular; relação trabalho/educação

Introdução

A educação de jovens e adultos passou por inúmeras modificações de acordo com o momento histórico presente no Brasil. Na década de 50 e início da década 60 surge no Brasil os movimentos de cultura popular ligados as propostas do educador Paulo Freire. Era a valorização da cultura popular, o respeito dos saberes que os trabalhadores trazem de suas práticas e com isso

*Daiane Ferreira Ferreira: Bióloga graduada pela Universidade federal do Rio Grande, cursando Especialização na Educação de Jovens e Adultos na Diversidade – UAB/FURG. Email: daiane.ferreira13@outlook.com CPF: 009825100-71

resgates das pessoas como sujeitos de suas ações. Embora, a participação popular estivesse em um bom momento, em contra ponto nos anos de 1964 os militares mudavam o cenário nacional instaurando a ditadura.

Neste momento os movimentos populares foram controlados pelos militares, fazendo com que o movimento revolucionário da educação popular fosse calado. Durante a ditadura militar na década de 70 surge então o Movimento Brasileiro de Alfabetização conhecido por MOBRAL. Ao retornar a democracia no país com a derrubada da ditadura militar a Constituição Federal de 1988 apresenta um artigo que garante o direito à educação para todos e isso inclui aqueles que não tiveram acesso a escolarização na “idade própria”. Ora, o reconhecimento do direito que estes sujeitos possuem com relação à educação apresentado no documento mais importante que este país possui, que é a sua constituição permite escrever uma nova página nesta história. Posterior a constituição surge então à publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96 que corrobora, para o fortalecimento de políticas públicas para a modalidade da EJA e começa uma nova caminhada com a finalidade de desconstituir a imagem de compensação ou ainda de assistencialismo que ficou intrínseco na história da EJA. Como pode-se perceber, as mudanças no campo da educação são altamente influenciadas pelo momento histórico no qual o Brasil vivia e atualmente sofrem influência do modelo econômico vigente. Cabe ressaltar que, o processo histórico da educação sempre esteve envolvido pelo modelo econômico presente em cada momento, no entanto, é perceptível que o sistema capitalista manobra tanto a educação privada quando a educação pública hoje no Brasil. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a relação trabalho e educação em uma turma de EJA que constitui o Projeto Educação Para Pescadores. O referido projeto acontece de forma itinerante e atualmente as aulas são desenvolvidas em uma comunidade Rural do Município do Rio Grande, denominada de Capilha.

A relação trabalho/educação: uma discussão na horizontalidade.

Pensar na relação trabalho/educação em turmas da EJA é um desafio para todos educadores, no entanto, quando temos como princípios uma educação

humanizadora e reconhecemos que o papel da educação é muito mais que alfabetizar e sim, formar sujeitos críticos, participativos na construção da sociedade que queremos é imprescindível que a discussão sobre o trabalho e educação seja feito com os educandos e que possamos entender que relações são essas e como elas estão estabelecidas em nossa sociedade. No que tange, uma educação problematizadora, é importante que se aborde essa relação, pois só o homem é capaz de se transformar a partir do seu trabalho, assim, segundo Saviani (2007) trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa. Ainda de acordo com Saviani (2007, p. 152), “o estreito vínculo ontológico-histórico próprio da relação entre trabalho e educação, impõem: (a) reconhecer e (b) compreender como se produziu, historicamente, a separação entre trabalho e educação”. No entanto, com o sistema capitalista vigente que intensifica a exploração de trabalho concentrando as grandes fortunas nas mãos das minorias e ainda fomentando o individualismo do homem atual o trabalho passa a ser uma ferramenta de desumanização do próprio homem se transformando no elemento que potencializa a alienação. Neste sentido, para Marx e Engels (2001, p. 112), “o trabalhador põe sua vida no objeto; porém agora ele não lhe pertence, mas sim ao objeto”.

Baseado então, na proposta de educação popular, buscou-se trabalhar com os educandos da EJA que constituem o Projeto Educação Para Pescadores na localidade da Capilha, com uma metodologia libertadora, acreditando e sonhando com estes educandos nas possibilidades de realizar o inédito e de construir uma educação verdadeiramente democrática e socialista. Esta utopia é o que nos dá forças para acreditar que ainda é possível e essa possibilidade surge com a educação libertadora. “A utopia é a imaginação criadora, exigente, que faz presente o futuro real, a partir do presente passível de ser transformado e melhorado” (GUARESCHI, 2003, p. 162). Pensando nesta transformação, e construindo uma educação crítica, emancipadora em uma sociedade capitalista exige a superação da lógica desumanizadora do capital. Sob esta reflexão é necessário compreender que não pode existir uma separação entre o *homo faber* e o *homo sapiens*. Pois conforme Mézáros (2008):

“não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual – o *Homo faber* não pode ser separado do *Homo sapiens*. Além disso, fora do trabalho, todo homem desenvolve alguma atividade intelectual; ele é, em outras palavras, um “filósofo”, um artista, um homem com sensibilidade; ele partilha uma concepção de mundo, tem uma linha consciente de conduta moral, e portanto, contribui para manter ou mudar a concepção do mundo, isto é, para estimular novas formas de pensamento.”

Baseado nesta reflexão utilizou-se diferentes métodos para abordar a relação trabalho e educação. Cabe aqui, partilhar um destes, para melhor descrever como foi desenvolvida a atividade. Nas aulas de ciências, nem sempre as discussões estão permeadas apenas pelo conhecimento científico ligado ao saberes de mundo que os educandos possuem a partir de suas vivências, existem também, os momentos de discussão de temas atuais, que envolve o interesse de toda a sociedade, mas que muitas vezes ficamos cientes a partir dos meios de comunicação e que nem sempre abordam as notícias na sua veracidade. Articulando a educação problematizadora, com a vida dos sujeitos participantes das aulas de ciências, trabalhamos com diferentes temas geradores a partir do documentário “A Servidão Moderna”. Este documentário trata, da relação do trabalho com sistema capitalista, do individualismo da espécie humana, da exploração do trabalho e o quanto estamos ligados e envolvidos por este sistema e muitas vezes não percebemos. Durante três semanas seguidas, após os educandos assistirem ao documentário, a principal atividade desenvolvida foi ouvir os educandos, os seus relatos e suas reflexões. Posteriormente, os educandos foram convidados a fazer duas escritas, a primeira era contar através das palavras o que mais o chamou a atenção e quais reflexões passou à fazer a partir do documentário. Já a segunda escrita, tem como tema gerador uma inquietação dos próprios educandos que surge de suas histórias de vida, o *preconceito*. Esta segunda escrita optou-se por não direcionar quais dos preconceitos a ser abordado ficando então a critério do educando.

No que concernem os relatos, as reflexões e escritas dos educandos, cabe aqui partilhar algumas escritas destes sujeitos. Escritas estas, encharcadas de empoderamento, transbordando a real necessidade de que a educação precisa mais do que nunca ser problematizadora. Usarei nomes fictícios para preservar a identidade destes sujeitos educandos, do projeto já mencionado. O norteador das nossas discussões foi a relação trabalho/educação, o papel da escola, e principalmente sobre modelo econômico vigente, o neoliberalismo. Uma educanda que aqui chamarei de Joana, em uma de suas escritas trouxe a seguinte frase: (...) *somos os verdadeiros escravos modernos, mas nem percebemos trabalhamos desesperados para adquirirmos uma qualidade de vida financeira melhor (...) fizemos gastos desnecessários e só favorecemos os comerciantes*. Este relato nos mostra o reconhecimento pela educanda, do que o sistema capitalista provoca em nós sem se quer percebemos. Compreender a lógica capitalista é difícil principalmente quando não se constrói o diálogo, quando não se aprende a ouvir o educando e também quando não se trabalha em perspectiva de educação popular. A lógica do capital é fomentar que as pessoas comprem cada vez mais e que elas só conquistarão a “verdadeira felicidade” quando conseguir adquirir os produtos denominados da “moda”. Conforme outra educanda que chamarei de Maria que nós trás a seguinte frase: (...) *quanto mais nós ganhamos mais nós gastamos porque cada dia nós queremos comprar. O mundo lança modas e nós queremos comprar as modas do mundo (...)*.

Permeados por estes relatos e envolvidos pela discussão que tange o sistema capitalista precisa-se fortalecer a relação trabalho/educação não como produção de mão de obra para o capital, mas sim, como norteador dos nossos direitos e deveres, como um espaço de crescimento intelectual, como ferramenta para formação do sujeito crítico, reflexivo e participativo. Pensar na educação de jovens e adultos para além do ato de ler e escrever, pensar como possibilidade real de construir uma sociedade mais humana e consciente como explica Freire:

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá

como objetivo cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 2001, p.30)

Portanto, precisamos construir a aprendizagem com esses sujeitos valorizando seu trabalho suas histórias e suas relações com a natureza e ainda, problematizando, politizando e contribuindo para o amadurecimento da caminhada rumo a emancipação política e humana destes sujeitos.

Considerações

O debate da EJA e a relação trabalho/educação é um campo muito amplo o que corrobora para inúmeras investigações. Ambos sofrem influência direta do modelo econômico e por isso é tão importante a discussão entorno destes. Na busca de uma educação emancipadora, problematizadora e libertadora é importante que esses temas tão atuais como o sistema capitalista e o mundo trabalho façam parte das atividades propostas para EJA e também do próprio currículo da EJA. É inadmissível que ainda continue-se pensar na educação de forma hierárquica e bancária onde os educandos são vistos como um depósito de conhecimento. O mundo Globalizado exige cada vez mais que saibamos interpretar as notícias e a partir delas fazer nossas reflexões, no entanto, o que as escolas em sua maioria ainda fomentam são atividades que aguçam apenas o método de decorar, gravar, memorizar os conteúdos. Neste sentido, estamos corroborando para que a escola não seja atrativa nem para a criança, para o adolescente, o jovem e o adulto. Instigar o raciocínio do educando, fazer com que ele reflita sobre a sua vida seu trabalho e sobre o que acontece no local que ele esta inserido é o começo da caminhada para uma educação problematizadora. Como podemos questionar, por exemplo, os jovens que saem as ruas pedindo intervenção militar em pleno século XXI, se não somos capazes construir o conhecimento com eles, se estamos engessados por um currículo que transborda conteúdos programáticos de cada disciplina e que os educadores são quase obrigados a seguir o que este currículo apresenta. Se não soubermos ouvir a nossa juventude que clama por atenção, como seremos capazes de pensar em propostas para uma educação humanizadora.

São essas questões que desafiam os educadores que nos enchem de energia para pensar em métodos e temas e dialogar com os educandos da EJA, pois se queremos uma sociedade mais justa e igualitária é preciso fazer o povo refletir sobre suas ações e preciso fazer com que os educandos se sintam pertencentes a esta sociedade, que se sintam capazes de se transformar de se reinventar e que sejam sujeitos politizados. Cabe aqui ressaltar, que quando menciona-se sujeitos politizados não reduzimos a mera questão política partidária, mais sim, na sua forma mais ampla que é pensar a sociedade de forma econômica, cultural, social e as relações que nela estão formadas. Portanto, é desafiador pensar na educação de jovens e adultos relacionando com o mundo do trabalho e desmitificando os discursos dos detentores do poder neste sistema neoliberal.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.
- GUARESCHI, Pedrinho A. 1940 **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre , 2003 – 54ª edição EDIPUCRS.
- MARX, Karl;ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Pulo: Martins Fontes, 2001
- MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SAVIANI, D. 2007. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. *Revista Brasileira de Educação*, **12**(34):152-158